REVISTA ACADEMICA

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

[illegible]

[illegible]

ANNO I — N. [illegible]

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

RIO DE JANEIRO

Typographia COMMERCIAL [illegible]

1873

REVISTA ACADEMICA

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

REDACTORES

MIGUEL LEMOS E JOACHIM DA CUNHA

ANNO I — N. 2

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

RIO DE JANEIRO

Typographia COMMERCIAL, rua do Hospicio n. 205

1873

REVISTA ACADEMICA

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1873

Agradecemos cordialmente á imprensa fluminense as benevolas expressões com que se dignou acolher o nosso humilde periodico. Este acolhimento é sobremaneira consolador, porque nos tempos de decadencia, como estes que atravessamos, a benevolencia não é muito commum em favor dos espiritos reaccionarios. Nas lutas que se travam entre um principio novo e outro caduco, os defensores do primeiro costumam ser tratados com excessivo rigor; e este rigor redobra de energia quando é a mocidade que, levantando-se em nome de uma idéa do porvir, vem atacar francamente a tradicção.

A mocidade é a força e o enthusiasmo das nações. Apparece uma idéa luminosa, humanitaria, e é a mocidade que a adopta, combate e colhe para ella a palma da victoria. O egoismo não a domina, as paixões não a cegam, os compromissos não a embaraçam: eis ahi porque a mocidade é ponto de partida de todas as revoluções sociaes. O triumpho de

uma idéa pede sacrificios, pede abnegação, pede até, muitas vezes, a propria vida; a mocidade é capaz de tudo isso. Nem o soffrimento do exilio, nem o rompimento das affeições mais caras, nem uma sentença de morte, abatem a sua dedicação. Na historia da humanidade ella personifica-se, ora em Trasybulo, quando expelle os tyrannos da patria; ora em Castelar, quando prophetisa a hora do triumpho inevitavel da republica.

Defensores da tradição e do passado que elementos podereis oppôr ao enthusiasmo da juventude? Que significa o amparo que offereceis ás instituições caducas, quando ellas cahem aos golpes certeiros da phalange invencivel que adopta a idéa do futuro? Desprezais até as lições de historia! Contra a idéa de 89, coaligaram-se todos os thronos da Europa, e a mocidade de 89, venceu em Valmy e Jemmapes, pelas armas, e mais tarde, a idéa pela qual combatiam esses voluntarios do progresso, venceu no mundo inteiro pela tribuna e pelo livro. Os povos aprenderam seus direitos e contentaram-se temporariamente com a acquisição de alguns. Hoje a reivindicação deve ser completa.

Os povos, após dolorosa experiencia convenceram-se que emquanto houver um rei, o reconhecimento de seus direitos não passará de uma burla; que a monarchia constitucional, especie de pacto entre o bom Deus e Satanaz, como lhe chama o escriptor Murat, é o embuste sarcastico do despotismo. A mocidade, como lhe compete, está á frente desta revolução, que conquista terreno em todas as nações civilisadas.

No Brazil, a mocidade não podia deixar de aceitar a parte que lhe toca nesta gloriosa cruzada. A vic-

toria ha de ser disputada pela monarchia, como disputada é pelo moribundo a hora fatal em que cede á implacavel lei da morte. Mas a mocidade triumphará porque, como dissemos, aqui e em toda parte, ella é a força e o enthusiasmo da nação.

A monarchia conhece essa força e esse enthusiasmo. Não podendo derrotar esses elementos, ella nega-nos o direito de discutir. Ahi está a razão porque diziamos que o acolhimento da imprensa era grandemente consolador. A monarchia ou seus proselytos, que vale o mesmo, prohibe-nos a discussão politica.

A monarchia parece ter perdido a memoria. Ella não se lembra que foi á mocidade que deveu a sua existencia, quando, por uma habilidade machiavelica, soube confundir sua causa com a causa da independencia nacional; quando soube chamar a si a mocidade patriotica, ao dar o grito de *independencia ou morte*, grito que sahido dos labios de um principe teve as mesmas consequencias que o fatal beijo de Judas. Pois bem; a mocidade de hoje, depois de cincoenta annos, vem perguntar á monarchia que uso fez desse enthusiasmo, que recompensa deu a esse patriotismo, que execução tem dado ás suas promessas.

E quando a historia encarregando-se de dar resposta a estas perguntas nos diz que a corrupção e seu immenso cortejo de vicios têm apagado o ultimo brilho das virtudes civicas, sophismado todas as liberdades, é que a monarchia vem negar-nos o direito de discutir! A monarchia engana-se. Havemos de discutir porque é nosso dever e nosso direito: nosso dever porque amamos a patria, e nosso direito porque o seu futuro nos pertence.

Porém, se nesta luta em que estamos empenhados, a victoria *do momento* pertencer á monarchia, a nossa fé inabalavel no futuro da patria, nos dará resignação e valor no infortunio. Marcharemos para elle, como os deputados Girondinos marcharam para o supplicio: entoando o hymno da republica; e após nossa passagem ainda se ouvirá a voz do nosso Vergniaud repetindo a ultima estrophe.

POLITICA

O direito de revolução

A soberania popular não é uma concessão legal.
E' uma prerogativa fundada no principio intrinseco das constituições sociaes: a liberdade.

I

Os systhemas politicos têm sua parte methodica e seu lado exclusivamente practico.

E' clara a razão desse duplo caracter: são problemas philosophicos que constam de enunciado e de resolução.

A parte methodica é, por natureza, abstracta.

Independente do tempo e das situações sociaes, é absoluta em sua importancia, são neutras suas leis.

Considerado sob o aspecto da realidade practica o systhema politico depende de dous factos que lhe são motivos: opportunidade e efficacia.

Opportuno, nesta circumstancia, importa: garantia dos elementos sociaes existentes e possibilidade de acquisição dos que faltam.

Efficaz significa: — força de sustentação propria, criterio permanente e auctoridade irreductivel.

A impracticabilidade do systhema depende menos da natureza delle que das condições de uma determinada sociedade.

A parte methodica é puramente especulativa e, portanto, de esphera racional; a outra affecta o sentimento, a tradição e o interesse.

Questão de principios e questão de conveniencia.

Essa distincção é real. E' necessaria tambem; porque nem todos argumentam com os principios, mas appellam para circumstancias que lhe são subordinadas.

Muitos, até, sotopôem a verdade de uma lei politica á pretensa magnitude de um facto estabelecido incompativel com ella!

Só assim se explica o temerario afan com que certos politicos se empenham em cotejar a republica dos livres com o imperio dos ilotas.

II

O fim de todo o systhema é a ordem.

E é natural que traga elle o cunho de sua origem, que tenda a realisar o typo que mais se harmonisa com a lei eterna de que procede e que, superior aos estremecimentos accidentaes que affectam os povos, possa sempre conservar illeza sua inclinação para o absoluto.

E é o que se dá.

Em materia philosophica—ordem, quer dizer—verdade—, por força desse impalpavel criterio que crêa uma equação perfeita entre o espirito e o objecto. Choquem-se as doutrinas, convulsionem-se os systhemas, abalem-se e cáiam as theorias que o fim da philosophia será ainda a ordem; isto é: a realisação ideal da lei primaria.

Em relação á moral—ordem—significa—virtude.

Em politica, é o mesmo que respeito ao direito; felicidade publica e importancia internacional.

Quanto á origem, pois, o systhema politico provêm da lei eterna.

Em referencia ao fim—tende á ordem.

Sob o ponto de vista dos meios que emprega, relativamente á norma que practica e elementos de realisação da parte methodica, o systhema politico apresenta-se-nos digno de seria attenção e estudo.

E' que dahi nasce a magna questão do direito de revolta.

E' que, deste exame, se poderia inferir si tinha Monk o direito de restabelecer a monarchia dos Stuarts sobre a republica dos apaniguados de Cromwell, si podia quebrar a instituição sellada com a irrupção das ambiciosas tentativas de um faccioso; ou se devia Robespierre de exilar-se de seus companheiros de tribuna; porque na Constituição que defendiam não via elle a regeneração de sua patria pela republica e pela morte do previlegio.

III

Na primitiva constituição social representou a familia o Estado em sua expressão mais elementar.

Um certo numero de individuos ligados entre si pelos laços de sangue ou por virtude de contractos, subjeitou-se á auctoridade de um homem, cujas attribuições governativas eram amplas por natureza, mas restrictas pelo dever.

A existencia dos direitos inalienaveis nos membros

da familia, impunha ao chefe a obrigação de limitar o poderio natural em ordem a impedir que o excesso de sua força hypostatica trouxesse como consequencia o enfraquecimento das energias alheias.

Estabeleceu-se, pois, um verdadeiro equilibrio entre a familia, de um lado e o chefe, do outro.

Da harmonia das duas auctoridades resultára a paz domestica e a felicidade commum.

A auctoridade do chefe era predominante; porque tinha elle sobre si uma responsabilidade collectiva, emquanto que na familia a imputabilidade apresentava um caracter puramente individual.

Além disso, o principio da autoridade paterna tinha uma procedencia immutavel e os direitos dos membros da familia não offereciam identica prerogativa.

A lenta formação das sociedades domesticas fazia, desde muito, presentir uma futura condensação das familias em nucleos esparsos pela superficie de um territorio, concepção obscura e vaga ainda, porém real, de um estado politico em condições embryonarias.

Essa genese social, conhecida por todos, nem sempre é invocada quando tractamos de aquilatar a importancia dos direitos politicos e estabelecer a gradação das soberanias.

A' medida que a concretisação das familias se foi operando, as relações interdomesticas expandiram-se e fizeram uma profunda modificação nas leis preexistentes.

Já existia a propriedade, não como direito que não é; mas como facto garantido pelas necessidades individuaes cuja somma é a necessidade publica.

E como da agglomeração das familias tirava-se a

consequencia necessaria de sua autocinesia social; como a propriedade territorial e a propriedade movel exigiam um caracter exclusivo de respeitabilidade; como o trabalho dava titulos pessoaes e exprimia o emprego de capital innato; como o producto dos labores significava juros desse capital e incentivos novos: creou-se a lei positiva e houve a delegação de poderes.

Em virtude de que principio?

Em virtude do principio do direito, que é o principio soberano; porque o direito, em sua plenitude absoluta, sobre nada sempre ás ondas revoltas das maiores catastrophes sociaes e se alguma vez parece submergir-se é para elevar-se mais longe, radiante e immaculado, como o facho celeste que guiava o povo eleito á almejada terra.

E é em nome do direito que nós, os moços, erguemo-nos para protestar contra essa instituição que nos rege e que préga a regeneração pelo previlegio, a aurora pelo confisco das luzes e a felicidade pela absorpção dos brios civicos.

E fazemo-lo com tanto maior sinceridade, quanto trazemos para a arena politica o peito nú e despovoado de odios e prevenções e porque possuimos o que Lamartine dava a Condorcet " o frio fatalismo da logica e a colera reflectida das convicções."

Quando a mocidade se faz ouvir em defesa do direito, sua voz significa um ponto de interrogação atirado ás incertezas do futuro.

Não está longe a epocha em que a historia fará o inventario das monarchias.

E a historia não é vendada, como a allegoria representa a justiça, nem irresponsavel como a fé religiosa.

IV

A cessão, não dos direitos, mas das prerogativas individuaes em proveito da communidade é uma das mais subidas e brilhantes manifestações da auctoride popular.

Suppõe, com effeito, a delegação de poderes, duas soberanias: a dos concessores—soberania do direito, e dos cessionarios—soberania do merito.

E em torno desses luminosos factos gyra a ordem social que delles haure a vida e a força e nos quaes reflecte sua liberdade fundamental.

Accompanhando ainda as phases genesicas da sociedade, depois de determinados os motivos da instituição da lei civil, chegamos ao ponto em que se effectuou a delegação, oriunda de um contracto entre os chefes das familias, com o fim de garantir os deveres de justiça, estabelecendo a segurança individual como ponto de partida, o trabalho como instrumento e a ordem como fim a que devem de attingir todos os esforços.

Para que não fossem frustrados tão salutares intuitos determinaram ainda conferir plenos poderes a um individuo que se impuzesse, por seus precedentes e qualidades, á consideração geral e que, baseado na lei acceita, pudesse garantir a propriedade particular e o livre exercicio das forças, na orbita legal.

E como esse individuo, representante de uma auctoridade collectiva, devia de conserva-la pura e intacta, os meios de repressão lhe foram facultados e a lei penal surgiu, como surge a illação; isto é: naturalmente.

Lei civil e lei penal.

Quaes foram os legisladores? Os pais de familia. Quem o executor? O cessionario da auctoridade publica.

E o que resulta de similhantes considerações está no dominio commum; porque é de evidencia intrinseca.

Na cuação do poder a soberania popular não soffreu quebra em sua dignidade.

E a rasão está em que o povo não cedeu-a: obrigou-a a reflectir-se.

O delegado não foi o possuidor por acquisição natural das prerogativas publicas; foi o usufructuario de uma auctoridade que, como individuo não tinha, porque a parcella não é egual á totalidade: mas como delegado obteve para represental-a, não para apropriar-se.

A soberania ficou integra no povo.

Do mesmo modo que a luz illumina o orbe que se esclarece por ella; mas não se gasta, porque tem uma causa suprema: o impulso mysterioso do *fiat*.

V

Do estudo dos factos que apontámos. como precursores, que foram, das instituições sociaes, muitas verdades resultam.

Resumi-las-hemos.

A força auctoritoria não é propria do delegado. Sua respeitabilidade e portanto seu criterio civil e governativo depende da vontade livre dos chefes de familia que concordoram em convergir n'elle suas prerogativas politicas.

A soberania é exclusiva da communidade: pertence-lhe a confecção das leis, a gestão dos negocios publicos e a decisão nos assumptos internacionaes.

Si o poder constituido tracta de taes materias é em nome dos chefes de familia e emquanto a confiança que n'elle depositaram não for retirada.

O representante do poder publico é uma auctoridade subalterna, responsavel por seus actos aos chefes que o nomearam e por conseguinte puro executor das determinações d'elles.

Si os chefes concordaram em que um homem fosse o executor de suas leis e o encarregado da manutenção de seus direitos; como o poder publico tem como origem um convenio; como esse convenio póde ser alterado ou substituido: o delegado está sujeito a todas as modificações que soffrerem as vontades particulares, d'esde que estas tomarem um caracter publico.

E não se referem taes ponderações unicamente ao executor das leis: não, applica-se á lei tambem.

Isto quer dizer que quando a auctoridade popular, que é a auctoridade soberana, julgar conveniente reformar ou destruir qualquer constituição do Imperio, póde e tem o direito de fazê-lo; porque a vontade modifica-se conforme as situações e só está habilitado a alterar uma lei quem a produziu e por ella regula-se.

E o povo tem o dever de conservar em sua alma esse acendrado enthusiasmo que serve de pedestal á verdade politica, severa e inquebrantavel divindade que accorda no peito patriotico dedicações sem limites, sacrificios veneraveis e acrysolados affectos.

(Continúa).

Themis.

POLITICA

Discurso de E. Castelar

SOBRE A FORMA REPUBLICANA

(Continuação)

Eis aqui toda a escola democratica. Porém acreditais em consciencia que com estes grandes principios é compativel a monarchia, ainda que baptizeis, que não a tendes querido baptizar e fazeis bem, com o apellido de democratica? Oppõe-se á soberania nacional o vincular o poder supremo em uma pessoa, e não sómente em uma pessoa, mas em uma familia. Oppoem-se os direitos individuaes a que essa familia seja irreponsavel, sagrada, sem que sobre ella possão exercer a sua jurisdição nem as associações nem a imprensa. Oppõe-se ao principio de igualdade que para as funcções mais altas da sociedade haja um poder vinculado em uma dynastia. Oppõe-se ao principio da soberania nacional, oppõe-se aos direitos individuaes, oppõe-se á toda a vida moderna, oppõe-se á democracia essa vossa monstruosa monarchia.

Qual é, Senhores deputados, o destino da sociedade presente? Qual é o destino do mundo em que vivemos? Apezar da energia, que as vezes parecia raiva, com que o Sr. Rodriguez atacava a fórma republicana federal, elle dizia que caminha o mundo para uma grande federação, e que caminhavam todos os povos para os Estados-Unidos da Europa. Senhores comprehendeis alguma idéa maior no mundo? Comprehendeis alguma

idéa maior na historia? Quando se examina a historia o primeiro que nos admira é a rica quantidade de factos e a pequena quantidade de idéas. Com uma unica idéa vive um seculo inteiro: com a unidade politica do mundo o seculo primeiro; com a idéa estoica, o segundo; com a idéa alexandrina, o terceiro; com as definições do dogma, o quarto; com o advenimento da individualidade germanica, o quinto; com a reconciliação entre essa individualidade e os restos do imperio romano contidos na Igreja, o sexto; com a infusão do espirito oriental por meio do alfanje dos Arabes, o setimo; com a luta entre as raças, luta que é como o cahos onde se debuxam as futuras nacionalidades, o oitavo; com o desvanecimento da ultima sombra do antigo imperio romano, a fundação do poder politico dos papas e a apparição do feudalismo, o nono; com o terror religioso, o decimo; com a luta entre o poder civil e o predominio theocratico de Hildebrando, o undecimo; com as cruzadas, ultimo grande esforço do poder civil, o duodecimo; com o florescimento do elemento politico e o testamento do theocratico, o decimo-terceiro, o seculo em que a igreja escreve e sua ultima idéa scientifica na *Summa*, e anima com sua ultima idéa politica as *Partidas*; com a reivindicação do poder civil contra a theocracia, e com o dominio eminente da sociedade contra os cavalleiros feudaes pelos reis, o decimo quarto; com a reivindicação do planeta pelo descobrimento da imprensa, da bussola, e a maior applicação da polvora; com a viagem epica dos portuguezes ao Oriente e a viagem mythologica dos hespanhóes á America, o decimo quinto; com a reivindicação de toda a historia pelo renascimento, e a reivindicação da razão pela philosophia que decreta a paz de Westphalia, o decimo setimo; com a luta dos

encyclopedistas contra todos os antigos preconceitos, e a luta da revolução americana e franceza contra todos os antigos poderes, o decimo oitavo; com a união da democracia trazida por todas as revoluções com a liberdade trazida por todas as sciencias, o decimo nono, que ha de fundar os Estados-Unidos da Europa, formula luminosa do porvir e cume gloriosissima da civilisação universal. (*Grandes applausos*).

Quereis os Estados-Unidos da Europa? Eu o desejo; porque desejo que permanecendo as nacionalidades, se apaguem essas differenças economicas que isolam uns povos de outros povos. E se desejaes, como nós, os Estados-Unidos, acreditaes que na vida humana se ganha alguma cousa quando se perde um momento? Todos os homens que têm explicado essa rainha cega que se chama fortuna, têm dito o seguinte: o disse Machiavel, e o repetio Napoleão, esse homem de fortuna: " Quando se apresenta uma occasião na vida, apodera-te della; porque se a perderes não tornarás a encontral-a. "

Os povos têm uma occasião, e se a perdem, perdem um seculo, a occasião das revoluções. Eu tinha sonhado que com a revolução de Setembro se poderia alcançar que Hespanha, minha patria, fosse o primeiro paiz que fundasse os Estados-Unidos da Europa.

Estais ainda, senhores da commissão,sob a influencia do encanto. Houve paraa revolução como para a humanidade um paraiso. Este paraiso foi o tempo que decorreu de 1777 até 1792. Então acreditavam os monarchistas que os reis podiam viver em paz com a democracia. Então acreditavam, por sua vez, os democratas, que a democraçia nada tinha que temer dos reis. Isto acreditavam monarchistas tão illustres como Turgot e Necker, democratas tão implacaveis como Robespierre e Marat.

Porém, senhores, chegou um dia terrivel: as revoluções são uma crise muito grande, porque com as revoluções pode acontecer que toda a vida vá á cabeça, e pode dar-se o phenomeno que se observa em physiologia, de que quando a vida se concetra na cabeça, se resente o estomago. A revolução de agora como as de 48 e 93, suspende quasi as funcções economicas da sociedade, e desenvolve completamente as funcções intellectuaes.

Por conseguinte, toda revolução é em certo ponto um periodo de grandes perturbações economicas. Pois bem; havia esta crise, e esta crise augmentou-se com a revolta que produziu Luiz XVI, a qual, pela sua origem e circumstancia, quebrou o encanto do paraiso revolucionario.

Um dia sahiu de seu palacio e foi em direcção á fronteira para voltar á frente de um exercito estrangeiro. O mesmo fez mais tarde Fernando VII depois do perjurio de 1814 e da intervenção de 1823; o mesmo fez mais tarde o rei de Napoles, sendo tambem perjuro e chamando a intervenção austriaca. Demonstrou-se então que os reis, não sómente eram inimigos da liberdade, mas que eram tambem inimigos da patria. E isto produziu um duplo movimento de disgregação nas idéas, movimento que por sua vez produziu outro nos factos; porque os mais profundos pensadores modernos disseram: " A historia da philosophia é a philosophia da historia, o que quer dizer, a historia dos factos é a historia das idéas, e a historia das idéas é a historia dos factos. " E aconteceu que houve uma dupla decomposição nas escolas politicas, e uma destas, gloriosa apezar de estar hoje decadente, a escola doutrinaria, disse: " E' necessario esta sociedade; não podemos educal-a se deixamos desamparado o elemento tradicional da monarchia e

não podemos tambem amparar a monarchia se não a rodeamos de instituições similares contra as quaes se despedaçe a democracia. " E a escola democratica por sua vez disse: " Não a podemos deixar abandonada aos reis, porque os reis a prejudicam e a vendem; é necessario rodear a democracia dos direitos individuaes." Então a escola doutrinaria se fez constitucional, e a escola democratica se fez republicana.

E vós outros, depois que tendes essa grande experiencia, e quando levais em vossa fronte signaes do martyrio que essa experiencia vos custou; vós outros renovais o sonho, o encanto, a illusão. Pois que, Srs. deputados, não veis o grande exemplo que nos offerece agora França? Não veis o resultado do imperio democratico? Possuis algum rei, possuis algum principe mostraim'o, que goze do prestigio de Napoleão I para rodear com elle o seu legitimo decendente? Acreditaes esta sociedade cansada já dos delirios, das crises revolucionarias, porque a revolução tem tambem seus delirios, acreditais esta sociedade tão cançada desses delirios, quando do que ella esta cançada é de rei, de côrte e de theocracia. Napoleão III chegou ao poder por meio do sufragio universal, e durante o tempo em que foi forte conteve a liberdade na sua mão e viveu em paz.

Agora deixou escapar a liberdade em parte; escutai os alaridos de Pariz; entrai nos comicios, e vêde qual é a formula que alli se estabelece, não pacifica, senão revolucionaria; entrai nesses comicios e escutai o que dizem os democratas: " Não queremos a liberdade que venha do imperio, não queremos a democracia comptivel com o imperio, porque a liberdade é nosso direito e a democracia nossa obra. "

Agora bem: descei das abstrações ao terreno politico e dizei-me: haveis de definir com poucas palavras a

democracia. O que é a democracia? Tem uma definição muito simples; é o direito de todos. O que é a monarchia? Tem tambem outra definição muito simples: o privilegio de uns: sómente, que para viver mais tempo a monarchia, instituição flexivel, eu o reconheço, tem admittido dentro de si o previlegio de alguns. Porém dizei-me: que quer dizer o privilegio de alguns, senão que ainda não é chegada a hora do direito de todos? Que quer dizer, pois, a vossa monarchia senão que ainda não é chegada hora da nossa democracia?

E não me citeis o exemplo da Inglaterra, exemplo que tão admiravelmente citou o Sr. Rios Rosas em um dos discursos mais profundos que tem sahido de seus labios, e no qual eu não sabia o que admirar mais, se a energia das suas palavras, ou a argucia, o ingenho e a precocidade da idéa. S. S. nos dizia que o poder pessoal existe nos Estados-Unidos. Quando Lincoln, para estigmatizar a escravidão subiu ao poder contra todo elemento aristocratico; quando Johnson manteve com firmeza as prerogativas de sua politica em admiravel processo; quando Grant merece a investidura de presidente por ter dito que a republica não podia consentir o imperio mexicano, porque é má visinhança para uma republica um imperio com os seus costumes militares, que inclinam á dictadura, nao se póde dizer que existe em America um poder pessoal. Ali não existe esse poder; onde existe é em Inglaterra. *(O Sr. Rios Rosas pede a palavra).*

Vou demosntrar o que acabo de dizer ao meu eloquente e respeitavel amigo o Sr. Rios Rosas.

Srs. deputados, ha que distinguir em Inglaterra dous grandes elementos: o elemento nativo, que é o elemento saxão, e o elemento sobreposto, que é o elemento normando. Entre as grandes vantagens que a Inglaterra

tem sobre nós para a liberdade, é que quando vieram aqui os povos do norte vieram um pouco corrompidos pelo imperio byzantino; é assim que os godos fundaram aqui uma monarchia verdadeiramente byzantina, em quanto que os saxões, mais barbaros, porém mais individualistas, mais independentes, fundaram em Inglaterra uma verdadeira republica. Entre os saxões, os reis eram chefes de tribus, e as tribus verdadeiras federações.

As republicas são o governo das sociedades mais primitivas e o governo das sociedades mais adiantadas. Começam e terminam a civilisação. E' o destino historico de todas as civilisadoras instituições, como de todas as verdades eternas.

Assim, vos digo, que em Inglaterra ha tres grandes cousas: a primeira, a segurança do lar domestico; a segunda, o jury; a terceira, a intervenção do povo na vida publica. Pois eu provaria que todos estes elementos inglezes provêm da raça saxona, que todos estes elementos são republicanos.

Em Inglaterra ha tres cousas que são verdadeiramente horriveis para mim. A primeira, o rei; a segunda, a vinculação da propriedade; e a terceira a camara dos Lords. Eu vos provaria que todas ellas provêm dos normandos, da monarchia. Pois que, Srs. deputados, a rainha em Inglaterra, desce á camara dos communs? Nunca. E porque os inglezes não a entregam á democracia? Porque sabem que a democracia a devoraria. A conservam-a na camara dos Lords como em um sanctuario.

E o que é uma tal camara? O obstaculo onde vão bater todos os progresssos, absolutamente todos os progressos. Em Inglaterra a camara dos Lords demorou, Srs. deputados, setenta e cinco annos a admissão de

um *bill* que abolia a pena de morte pelos roubos de cinco soldos.

Resultado: que nos ultimos annos desta lei horrivel foram enforcados em Inglaterra 500 cidadãos por haver roubado a quantia de 24 *reales*. Quando esse *bill* foi votado depois de setenta e cinco annos, apoz a opposição tenaz da camara alta, sómente foram enforcados em Inglaterra em um anno 36: notai a differença.

Porém para que mais, senhores, sabeis quaes foram os ultimos quatro negreiros de Inglaterra? Quatro principes do sangue real. Estava indecisa a victoria; os quatro principes apresentaram-se na camara dos Lords e decidiram a batalha em favor dos infames mercadores de carne humana, em favor dos infames negreiros, contra os quaes se levantam o céo e a terra, a consciencia humana e o espirito universal da natureza.

(*Continúa.*)

RELIGIÃO

Ensaios racionalistas

I

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

> " Mais quant à la religion, l'enfant, d'après ce système, ne devait en choisir une que lorsque l'education aurait suffisament developpé son intelligence et sa raison, afin que la religion ne fût pas une habitude, mais un choix deliberé de l'être intelligent."
>
> *Lamartine—Hist. des Girondins.*

O seculo XIX é ainda o seculo do exame e da analyse: a revolução operada pela philosophia do seculo passado perdura. Elle continúa na destruição dos preconceitos, das supertições, do fanatismo, para que sobre a ruina de todos estes edificios levantados pela ignorancia, se construa o templo da razão. O seculo é tambem de reformas: á medida qué se destróe é necessario edificar. A educação do homem deve ser neste caso o ponto de apoio de todas as construcções. Tirae esse ponto de apoio e o edificio social desmoronar-se-ha, como se desmoronou a sociedade grega, como se desmoronaram as instituições republicanas de Roma, quando a educação do cidadão foi confiada aos aduladores de Philippe e aos cortezãos dos imperadores romanos.

A educação cria, por assim dizer, o homem. E' ella que o reveste de uma fórma, que lhe dá uma signifi-

ção moral e social. D'ahi a sua importancia, porque dessa fórma, dessa significação, resulta o cumprimento ou o falseamento do seu destino. Ora, cumprir o seu destino é a lei geral que rege os seres moraes. E como chegar a este resultado, se a educação que nos deve fornecer os meios para conseguil-o, não se fundar sobre o estudo da natureza humana? Ficamos de tal sorte apegados ás ideias que recebemos na infancia, a educação influe tanto na formação do nosso espirito, que só é dado a bem poucos o desenraizar tantos absurdos e tantos prejuizos. Estes vicios da educação são a origem da maior parte dos nossos males, e á parte religiosa é que são devidos os maiores estragos.

A religião é um sentimento e uma idéa. Aquelle innato, esta adquirida. Como sentimento, quando exagerado, a religião torna-se fanatismo; como idéa quando adulterada, ella se torna superstição. Manter o equilibrio entre o sentimento, por meio do amor da humanidade, e a idéa, por meio do raciocinio, é o fim da educação religiosa. Deixae crescer o sentimento sem lhe oppôr um dique, e tereis em resultado todos os horrores da intolerancia e do fanatismo até chegar á Inquisição; desterrae o raciocinio, matae a razão, e obtereis todas as degradações da consciencia humana, desde os ridiculos cultos do Egypto e as hecatombes de Carthago, até os desmandos intoleraveis do catholicismo moderno.

Por conseguinte banir a razão do dominio religioso, é o mesmo que querer vêr sem o auxilio da luz. Ensinar sem fazer comprehender o que se ensina; convencer sem querer dar as razões que motivam as convicções: é o absurdo de todas as religiões reveladas. Fazer monopolio do ensino divino; ordenar que só podemos conceber a Deus e adoral-o

de um modo préviamente determinado; servir-se do alfange ou da fogueira para fazer vigorar essas leis : é o attentado de todas as religiões reveladas.

Cumpre acabar com o absurdo e com o attentado. O reinado da sotaina chegou ao seu fim. O costume, porém, a rotina ainda se conservam. Existe a preguiça intellectual de saccodir os preconceitos, e a falta de coragem para condemnal-os. A educação religiosa resente-se destes vicios.

Durante os primeiros annos do menino, em vez de resguardar o seu qequeno cerebro de toda e qualquer impressão que lhe seja prejudicial, parece que de proposito tratamos de recheal-o das idéas ás mais nocivas ao seu futuro desenvolvimento. Apenas começa a fallar e já se lhe assusta com a imagem de um Deus irascivel, contradictorio e mesquinho.

Pouco tempo depois as mães, por uma solicitude mal entendida, levam-o á igreja, onde um menino o unico que pode desejar é possuir um dos *bonecos*, que se ostentam nos altares, para seus brinquedos infantis,

Finalmente chega á idade de ir para um collegio. Um collegio! Sabeis que devia ser um estabelecimento desta especie, e o que elle é na realidade? Um collegio devia ser o lugar destinado a fazer desenvolver os sentimentos que a nossa mãi depositou. carinhosa, no nosso coração, a missão do collegio devia ser harmonisar o desenvolvimento intellectual com esses sentimentos nascidos no seio da familia, missão sublime e santa que devia ser confiada a homens dignos pelo seu saber e virtudes, principalmente, de se encarregar dessa dificil tarefa. Entretanto, na realidade, o collegio póde ser comparado os peor dos lupanares, onde se perde a innocencia e a candura da infancia

onde se carrega a memoria do menino de conhecimento estereis e se atija o coração de sentimentos nobres. Tentar descrever as scenas de depravação moral a que temos assistido nesses decantados estabelecimentos de educação, seria empreza nefanda: o proprio papel coraria de pejo,

E nem podia o collegio deixar de ser assim. Para educar é preciso ter o desvelo de pai, a abenegação de mãi, e aquelles a quem se entregam as pobres crianças, são mercenarios que fazem da educação um ramo de negocio como outro qualquer. E' difficil comprehender de como um pai entrega seu filho ao primeiro aventureiro que se lembra de collocar sobre sua porta o letreiro—collegio.—A Instrucção Publica é facil em conceder patentes desse negocio.

O collegio estabelecido como deve ser; é utopia; estabelecido como está: é uma calamidade. Os pais são os que unicamente podem e devem educar seus filhos. A familia é o verdqdeiro sautuario da educação: os pais são seus sacerdotes. Não ha pretexto, não ha occupação que os dispense dessa missão. Antes supportar o trabalho fatigante de uma educação, do que ter que chorar mais tarde sobre as consequencias da educação collegial.

Particularisemos agora a educação do collegio sobre o que diz respeito a religião. Em alguns collegios acha-se encarregado dessa parte especial um sacerdote, em outros é disso incumbido o professor de primeiras letras. No primeiro caso logra-se tanto o fim como si tratando-se de um envenenado, em vez de applicar um antidoto, lhe administrassemos outra dóse de veneno. O ensino da igreja envena, mata. Todo elle tende a paralysar no individuo social a força e energia que dá a indeqendencia do pensa-

mento, para tornal-o vil instrumento prestadio aos ambiciosos planos dessa reunião de algozes da consciencia humana, a que se chama Igreja. Abri o livro que serve, por assim dizer, de compendio de religião, e logo na primeira pagina vereis a seguinte definição do acatholico: *é filho da maldição e do inferno.* Onde está, Christo, a vossa doutrina verdadeiramente tolerante? Serão vossos discipulos os que assim fallam? Não, mil vezes não. O sublime philosopho de Nazareth está tão longe de inspirar o ensino desses padres, como longe está o imperio que quizeram e querem fundar. A intolerancia, irreligião, hypocrisia e fanatismo são os fructos desse ensino. Não é sobre taes alicerces que se levantam edificios duraveis. Gregorio VII deu o plano e acabou no exilio, Pio IX no exilio está tambem: os architectos não acharam materiaes para concluir a obra. Os Jesuitas, os mais activos demolidores da consciencia, da razão e do direito, foram os encarregados da educação pelos pontifices romanos. Elles estabeleceram collegios por toda a parte, e até em alguns paizes foram exclusivos dominadores. A companhia de Jesus para attender a essa missão vio-se obrigado a fazer com que seus membros cultivassem os diversos ramos dos conhecimentos humanos. Essa é a razão porque contaram no seu seio tantos homens illustres nas sciencias e nas letras. Porém a sciencia, como instrumento de ambição e como elemento de sophisma, não deve ser elogiada. A sciencia é a casta Minerva cuja pureza deve ficar intacta. Profanal-a è acarretar sobre si a maldição dos vindouros. Quereis exemplos?

Ahi está Machiavel, cujo genio politico é talvez o mais profundo que a terra tem visto, e cuja me-

moria é amaldiçoada pelas gerações modernas, por que as gerações modernas amam a liberdade.

Ahi está a propria *Companhia de Jesus*, contra quem se coaligaram todos os povos e que foi enxotada de todas as nações, porque, como disse um eloquente tribuno: assim como a sociedade tem o direito de perseguir as quadrilhas de ladrões e assassinos, assim tambem a sociedade expulsou a *Companhia de Jesus*, que pela descoberta da *Monita Secreta* revelou ser uma associação de falsarios e estellionatarios.

A educação confiada a taes mãos não devia dar outros resultados sinão o abatimento da dignidade humana, pedestal do despotismo; sinão as trévas do espirito, sustentaculo do predominio da Igrejo. Olhai para o Paraguay, o discipulo dos jesuitas, e ficareis sabendo o que é essa educação.

Hoje a proscripta companhia tenta penetrar de novo na sociedade contemporanea, disfarçada sob diversos nomes. No Brazil, infelizmente para nós, já conseguiu plantar o seu dominio, e a monarchia offerece-lhe cathedras e mitras. Mas o seculo é outro, a reacção já começou e em breve, desenganada e confusa, terá que abdicar mais uma vez os seus planos ambiciosos aos pés do throno da razão universal.

Selmo.

(Continúa).

SCIENCIA

A pluralidade dos mundos habitados

L'empire de Dieu n'est pas l'empire de la mort: c'est l'empire de la vie.
(C. Flammarion.)

I

Obedecendo ás leis eternas e immutaveis que regem o Universo—o pequeno globo, que nos serve de transitoria morada, gyra continua e incessantemente em torno de si mesmo, produzindo o maravilhoso phenomeno da luz, das trevas, do dia e da noite.

Depois de apresentar o nosso hemispherio aos raios solares, banhando-o nas ondas luminozas e vivificantes—que de si desprende esse astro-rei,—a terra volta-o para o lado oppostos e envolve-o no manto escuro da noite, para depois inundal-o outra vez de luz e de calor.

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor.
Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão! (*)

(*) Gonçalves Dias—*O gigante de pedra* nos ultimos cantos.

Offuscado pelo brilho intenso do grande fóco luminoso,—o homem sente-se apoucado e, não podendo admirar a obra sublime do Creador em toda a sua esplendida manifestação, contenta-se apenas com a modesta observação d'algumas das innumeras maravilhas que lhe offerece o planeta que habitamos.

Porém, em breve, ahi vem a noite; e o homem, livre da offuscante luz que o perturbava, ergue os olhos para a amplidão dos céos e... extatico admira! E' então que elle pasma ante a immensa sabedoria do Creador, de cujas obras só podêra apreciar uma parte minima, posto que já admiravel.

Do seio das trevas, que de todos os lados o envolvem, vê surgir, como por incanto, o terno e poetico astro da noite, esse *doce reflexo d'um globo de chammas*, (*) e após elle essa multidão sem conta de espheras brilhantes que fluctuam nos espaços azues do infinito. A abobada celeste cobre-se de estrellas semelhantes, no dizer poetico de Byron, á ilhas de luz em meio d'um occano suspenso por sobre nossas cabeças.

A vista vence os espaços ethereos e, visitando as longinquas planicies celestes, vae de astro á astro até transpôr as extensões inexploradas e subir ás esbranquiçadas nebulosas que parecem marcar os limites da visão humana!

E a imaginação acompanha a vista, e a alma acompanha a imaginação!

O homem como que sente-se transportado para essas maravilhosas paragens, imagina as deslumbrantes perspectivas que dahi se gozam, admira a

---

(*) Lamartine.

harmonia das leis eternas e extasia-se ante a grandiosa idéa desse immenso Universo, sempre infinito e sempre povoado por innumeros globos luminosos que se movem em todas as direcções, banhando os espaços com as irradiações multicôres de suas espheras de fogo!

O espirito humano — como essas mimosas flôres do nosso continente que, murchas de dia, florescem e perfumam tudo quando o zephyro refresca e cahem as sombras da noite, — impressionado por tantas maravilhas, expande-se em conjecturas e, no desespero da duvida, exclama com o immortal poeta britanico: " O' Deos, ou deoses, ou quem quer que sejaes, quanto sois bellos! quão perfeitas acho vossas obras!.... Fazei-me morrer como morrem os atomos (se é que elles morrem), ou revelai-vos á mim em vosso poder e em vossa sciencia. Meus pensamentos não são indignos do que vejo, apezar de sêl-o o pó de que sou formado.... Espirito, deixa-me expirar ou vêr tudo de mais perfeito! " (*)

E' então que innumeras questões se agitam diante delle.

O universo, como a Esphynge dos Thebanos, propõe-lhe milhares de enygmas, collocando-o na terrivel alternativa da decifração ou da duvida, que é a morte do espirito.

II

Acordando de tão arrebatados sonhos, — o homem reconhece a exiguidade do mundo que habita, sente-se infinitamente pequeno ante a obra divina, e,

---

(*) Lord Byron — *Caín*.

conhecendo o absurdo da unidade do mundo habitado, despe a purpura de Rei da Creação — com que, em um momento de estulta vaidade, se ornára, — depõe o sceptro e julga-se feliz de poder ainda vestir a tunica de cidadão do Universo!

Pois que?! Todos esses innumeros globos scintillantes, que fluctuam no azul sem termo do firmamento, brilharão sómente para illuminar as noites deste insignificante atomo do Universo?! Todo esse espaço infinito, que por ahi além se estende sulcado por myriadas de mundos, jazerá solitario e sem vida emquanto esta pequenina ilha, perdida em meio de tantas maravilhas, floresce e vive?!

Não! A vida êstá em toda parte, diz Aristoteles; e novas descobertas vêm confirmar as palavras do illustre sabio.

Não! Do cortejo longinquo das estrellas até o manso lago e a encosta montanhoza. tudo está concentrado em uma vida intensa, na qual não ha um raio, um sôpro, uma folha, que não tenha sua parte d'existencia. e não sinta a presença do *Ser* creador e conservador de todas as couzas! exclama Lord Byron; e novas razões vêm confirmar os hymnos do grande poeta.

Não! Brada a philosophia da antiguidade pelo orgam de seus mais predilectos apostolos; e a philosophia dos tempos modernos vem comfirmar as hypotheses dos pensadores do mundo antigo.

Proclamada pela quasi totalidade dos philosophos e astronomos do tempo antigo,*—a idéa da *pluralidade dos mundos habitados* é abraçada pela san phi-

(*) Veja-se a 1ª parte da exellente obra de Camillo Flamarion *La Pluralité des Mondes habités*.

losophia dos tempos modernos, e, passando pelo cadinho dos mais robustos ingenhos, converte-se em doutrina rigorosa tendo por base todos os factos que constituem a ordem physica do mundo.

" Para que fim, diz sir John Herschel (*), para que fim devemos suppôr terem sido creadas as estrellas e dispersadas na immensidade do espaço corpos tão magnificos? Não foi, sem duvida, para *allumiar nossas noites*—o que seria melhor conseguido por mais uma lua que tivesse, a millesima parte do volume da nossa—e tão pouco para *brilhar como espectaculo sem sentido e sem realidade e perder-nos em vans conjecturas*. Esses astros são, é verdade, uteis ao homem como pontos fixos á que póde referir tudo com exactidão; porém, *seria preciso ter colhido mui poucos fructos do estudo da Astronomia para poder suppôr que seja o homem o unico objecto dos cuidados do Creador, e para não vêr, no vasto e admiravel apparelho que nos cerca, habitações destinadas á outras raças de seres vivos.*"

E estas palavras, escriptas por um dos mais distinctos apostolos da sciencia moderna, não são mais que o écho das vozes da antiguidade repercutido no mundo moderno, e o desenvolvimento d'uma grande maxima do maior sabio do nosso seculo.

" Necesse est confiteare
" Esse alios aliis Terrarum inpartibus orbes
" Et varios Herminum gentes et sœcla ferrarum,(**)"

disse Lucrecio, o immortal cantor da natureza; e estas palavras resumem as idéas da maior parte dos

(*) Treatise of Astronomy, cap. XIII, § 592.

(**) E' precizo crer que ha, nas outras regiões do Universo, outras terras, outros sêres e outros Homens. — *De Natura Rerum.*

philosophos do mundo antigo á respeito deste assumpto.

" Um laço mysterioso une a natureza celeste e a natureza terrestre", escreve Humboldt na linguagem cosmica dos grandes mestres.

III

Estabelecido o systhema planetario moderno—que, tirando a terra do centro do universo, collocou-o a ao lado dos outros planetas, obedecendo como elles ás leis da mechanica celeste,—o homem vio-se forçado á retirar a importancia que tributava á seu globo natal e á vêl-o, como na realidade elle está, perdido em meio da creação inteira que nem desconfia da existencia delle.

Depois, comparando-o com os outros planetas do nosso systhema, reconheceu que não lhes é em nada superior, sendo ao contrario inferior á muitos delles. Reconheceu que todos apresentam como a terra, condições de *habitabilidade* mais ou menos determinadas.

O calor e a luz, emanando do centro do systhema — que é o sol, — derramam-se por sobre elles em gráos diversos, produzindo os mesmos phenomenos que se observam em o nosso planeta. As estações — produzidas pela inclinação do eixo da terra sobre o plano da eclyptica — apresentam-se em todos os planetas mais ou menos pronunciados, conforme a inclinação de seus eixos, sobre o mesmo plano; e, como consequencia fatal e necessaria, ahi, como na terra, succedem-se os annos, os mezes e os dias— produzidos estes ultimos pela *rotação*—entretendo as condições da existencia. Atmospheras transparentes,

como a nossa. (*) envolvem esses planetas, dando-lhes o espectaculo — ás vezes agradavel, outras vezes terrivel e medonho, sempre maravilhoso—dos phenomenos meteorologicos, produzindo o desenvolvimento das bellezas naturaes e determinando a diversidade dos climas. Os mares se estendem por entre os continentes, fertilisando as terras e desprendendo de si vapores aquosos que se elevam na atmosphera e ahi vão condensar-se para cahir sobre a vegetação em orvalho fecundo que a refresca e vivifica.

E como se não bastassem estas condições para patenteiar ao homem a estulticia de sua vaidade em querer considerar-se o centro de toda a creação, apresentam-se ainda dous factos que tornam o nosso globo inferior á muitos dos outros que, como elle, povoam o universo, e são: seu estado de incandescencia, que não garante as condições de estabilidade, e as leis fataes que regulam a existencia humana, estabelecendo na terra o reino da morte!

Apreciadas as condições de *habitabilidade* dos mundos, e reconhecida a *possibilidade* de serem todos elles *habitados*, encaremos a questão por outra face— o desenvolvimento da vida.

IV

Rasgados os campos magestozos do infinitamente grande pelo olho monstruoso do telescopio, novos ho-

---

(*) Dos estudos communicados á Academia das Sciencias de Pariz pelo illustre padre Secchi em 1871, resulta que a atmosphera d'Uranus é mais original que as dos outros planetas, visto que a luz deste planeta não offerece nenhuma semelhança com a do espectro solar.

E das observações de Miller, Huggins e Janssen se conclue que o resultado da analyse espectral da luz da lua é inteiramente contraria á existencia da atmosphera na superfice do satellite da terra.—Veja-se as pags. 445 e 443 da obra *La Pluralité des Mondes Habités*, 15ª edicção.

risontes se desvendaram em direcção opposta, e o olho penetrante do microscopio foi rasgar no invisivel os campos inimaginaveis do infinitamente pequeno, descobrindo ahi a *vida* em toda a sua plenitude.

" Não satisfeita de espalhar a *vida* por todo a parte onde ha materia para recebêl-a, desde as epocas primitivas, em que este globo sahia apenas de seu berço de fogo, até nossos dias, a natureza amontôa ainda a existencia em prejuizo da propria existencia. As folhas das plantas são prados de rebanhos microscopicos, dos quaes muitas especies—apezar de invisiveis a olho nú—são verdadeiros elephantes ao lado d'outros sêres, cuja extreme pequenez não impede todavia um systema admiravel de organisação para o entretenimento de sua vida ephemera. Os proprios animaes servem de morara á raças de parasitas que, por sua vez, são tambem amorada de parasitas ainda menores.(*) "

Vencendo todos os obstaculos, resistindo á todas as opposições, a *vida* espalhou-se por todo o nosso globo, desde as regiões frigidissimas dos pólos e os pincaros gelados das altas montanhas(**) até aos ardentes desertos equatoriaes, desde as alturas da atmosphera(***) até ás profundezas insondaveis dos oceanos revoltos! Na escuridão de trevas eternas como á luz resplandecente do sol, desinvolve-se á

(*) *Merveilles Célestes* de Camille Flammarion.

(**) O colorido vermelho da neve é devido á uma especie microscopica —a *discerda*.

(***) Além dos infusorios meteoricos cuja existencia parece incontestavel, a atmosphera carrega uma immensidade d'animaculos ordinarios, mortos ou vivos, que suas correntes acarretam e levam por todo o globo; e ás vezes abundam tanto no ar, que interceptam a luz e soffocam os viajantes!!—C, Flamarion—*Coniemplations Scientifiques*, ed, 2ª. pag. 29'

vida e vivem seres dotados de organismos apropriados ao meio onde vivem.

E, se assim é em relação á Terra, porque não o ha de ser em relação ao Universo? Porque a vida que se espalha n'este globo *amontoando a existencia em prejuizo até da propria existencia*, não se ha de espalhar por todo o Universo, mormente prehenchendo todos os outros astros (*) as condições de habitabilidade? Será, pela ventura, porque parece impossivel que o homem possa viver em outra qualquer parte que não seja a Terra? Mas, porque razão o habitante de Venus, Jupiter ou Sirius deve ter a mesma organisação que o homem e não uma outra organisação que esteja em correlação com e estado physiologico do membro onde habita? Por acaso o peixe, que vive mergulhado nas aguas, ou no infusorio, que vive nas porfundezas do infinitamente pequeno, (**) tem a mesma organisação que o homem, que vive sobre a superficie da Terra?

Seria futil semelhante objecção á doutrina da pluralidade dos mundos habitados, cujos sustentadores são os primeiros á contestar a universidade do typo humano.

" Eu poderia, agora, diz sir Humphry Davy, (***)

(*) E' bem verdade que ainda não se poude descobrir a minima gotta d'agua, nem o mais leve indicio d'atmosphera na Lua: e este é o argumento dos que negam a existencia dos habitantes d'esse bello astro Porém, á isto Flammarion responde, na sua obra *Les Mondes Imaginaires et les Mondes* réels, com o seguinte axioma: " Os seres nascem em cada mundo em correlação com o seu estado physiologico ". E de mais se o hemispherio lunar que nos olha não é a séde da vida e da intelligencia, póde sêl-o o outro que não podemos ser.

Veja-se, á este respeito, o 1° capitulo da obra citada.

(**) Ha alguns que vivem á 12000 pés de profundidade, e portanto, sob uma pressão de 375 atmospheras, capaz de fazer detonar um canhão!

(***) *The last days of a philosopher*, obra posthuma publicada por John Davy.

te transportar para outros planetas e te mostrar em cada um d'elles *seres particulares*, offerecendo certas analogias uns com os outros, mas *differindo essencialmente* em suas faculdades caracteristicas."

V

Arrebatadas pela excellencia das condições de habitabilidade d'alguns planetas, taes como Venus, Jupiter e Saturno, — algumas imaginações ardentes chegam á acreditar na *transmigração* da alma humana, indo, conforme seu merecimento, habitar aquelles planetas superiores á terra ou os que lhe são inferiores, como Mercurio.

E' assim que lemos, entre as poesias da joven (*) poetisa *Maria Lucrezia Davidson*, a seguinte quadra que parece ter sido o seu *canto do cysne*:

Thou little sparkling star of even
Thou gem upon an azure heaven!
How swiftly will Isoar to thee
When this unprisoned soul is free! (**)

E, atravessando a Mancha, vamos encontrar na litteratura franceza este bellissimo trecho, que extrahimos d'um livro que é uma das maiores glorias de seu auctor e um dos maiores monumentos da litteratura contemporanea:

Et quand la nuit suprême
S'étendra sur mes yeux,
Belle étoille que j'aime!
Dans ton palais des cieux,

(*) Morreu com dezesete annos de idade.

(**) O' pequena estrella scintillante da tarde, diamante que brilhas sobre um céo azul! com que prazer voarei para ti quando minh'alma se desprender de sua prisão terrestre!

A cette heure bénie,
Daigne me recevoir,
Et deviens ma patrie,
Blanche étoile du soir! (*)

Mas, para que não se attribuia este pensamento da *transmigração da alma humana* sómente ás imaginações exaltadas pela poesia, appressamo-nos á transcrever as seguintes palavras escriptas por um dos maiores *chimicos* deste seculo, sir Humphry Davy, já, por nós citado:

" Poder-te-hia mostrar a monada espiritual, que, com os orgãos de Newton, patenteiou uma intelligencia sobrehumana, situada *agora* n'um melhor e mais alto estado d'existencia planetar, recebendo a luz intellectual d'uma fonte mais pura e approximando-se de mais perto ainda ao Espirito Infinito e Divino. (**) "

Finalmente, Camillo Flammarion, reunindo com a eloquencia que lhe é peculiar as idéas emittidas por esse mesmo sabio no seu primoroso trabalho d'onde acabamos de extrahir este trecho, exclama com a força que lhe dá uma convicção firmada nos mais rigorosos e profundos estudos philosophicos e astronomicos:

" As paginas precedentes estabelecem a doutrina da *transmigração* das almas de mundo para mundo através o infinito dos céos. Não hesitamos proclamar aqui de novo que *é a unica fórma racional sob que a sciencia moderna nos póde authorisar á difinir o estado*

(*) E quando a noite suprema sobre meus olhos estender-se, recebe-me nessa hora bemdita, ó bella estrella que amo! em teu palacio dos céos e torna-te minha patria, branca estrella da tarde!—Victor Hugo—*Contemplations.*

(**) The last days of a philosopher.

da immortalidade da alma e as regiões da vida eterna."

E o distincto naturalista Charles Bonnet, escrevendo sobre a divisão dos sêres, diz:

" Habitantes da terra, que recebestes uma razão capaz de vos persuadir da existencia desses mundos, nunca dirigireis para ahi vossos passos? O *Sêr* infinitamente bom que vol-os mostra de longe trancar-vos-ha a entrada delles para sempre? Não; chamados algum dia para tomar logar entre as hierarchias celestes, voareis como ellas de planeta á planeta; ireis eternamente de perfeição á perfeição. Tudo quanto tem sido recusado á vossa perfeição terrestre, haveis de obter com esta economia de gloria: conhecereis como fostes conhecidos." (*)

VI

Reconhecidas as condições de habitabilidade em todos os outros astros do Universo, a inferioridade da terra ante o esplendor da creação, o desenvolvimento indefinido e maravilhoso da vida,—o espirito humano, sempre insaciavel de luz e de progresso, lança-se no desconhecido e, atrevendo-se á perscrutar os arcanos da natureza, vai descobrir a composição chimica dos astros e determinar a unidade da substancia no Universo, que maior força traz ainda á doutrina da pluralidade dos mundos habitados.

Ainda ha bem poucos annos, quasi nem um astronomo ousava sustentar esta doutrina, lembrando-se talvez que, no seculo XVII, Jordano Bruno foi quei-

---

(*) Contemplation de la nature.

mado vivo em Roma, e Gallilêo foi condemnado por terem ensinado tão atrevida *heresia!*

Hoje, a sciencia tem progredido tanto, que o proprio padre Secchi—director do observatorio de Roma—sustenta essa *heresia* que ainda hoje irrita os nervos dos theologos. E o eminente director do observatorio de Pariz, que acaba de perecer tão desastrosa e inopinadamente, resume a opinião da sciencia á este respeito nos seguintes termos:

"O exame das condições em que se acham os outros planetas e das circumstancias que apresentam as suas superficies, *mostra que esses planetas podem ser habitados* tão bem como a Terra.... *E' muito natural admittir* que esses planetas (os que gyram em torno das outras estrellas do firmamento) *podem ser habitados* tão bem como os que fazem parte do nosso systema. (*)"

Diante de tão deslumbrante quadro, diante da transformação completa que a sciencia moderna operou no mundo astronomo,—o homem, satisfeito de ter podido erguer-se tão alto para comprehender a obra da Creação em toda a esplendida manifestação de sua grandeza,—exclama com a eminencia do sabio inglez:

"Ao invez de te representares, como em tua ignorancia d'outr'ora, o Universo sideral sob o aspecto de uma immensidade lugubre e esteril,—illuminada sómente pelos clarões nocturnos;—ao invez de crêres que a obra do Creador limita-se á Terra pretendida central e a sua humanidade pretendida unica:—deves agora *saber* que todos esses innumeros

---

(*) *Annuario* da Academia das Sciencias de Pariz, apresentado pelo Sr. Delaunay— presidente em exercicio—em 1871.

mundos do espaço são *habitados* como o teu; que ha hi humanidades vivas e pensantes, como na superficie de teu planeta; que tua humanidade é uma das *mais ignorantes* e o teu mundo uma habitação *inferior*; e que o destino das almas e dos sêres é elevar-se *eternamente* para a posse da *Verdade* e do *Bem* pela lei *uninersal* do progresso indifinido!"

Aarão Reis

Rio, Março de 1873,

LITTERATURA

Utopias

OU O FUTURO DA ARTE

Quando se lança um olhar em torno de si e pára-se um pouco na contemplação extasiada da terra e dos mundos: quando nesse *atelier* explendido de luz vêm se as espheras girando harmonicamente como operarias folgasans no meio do trabalho; ahi em que tudo se move, em que até as nebulosas da via lactea misteriosamente rutilam; esse rapido olhar sobre a creação traz-nos aos espiritos maravilhados a existencia evidente de uma lei: o progresso!

Tudo marcha e obedece as instigações da actividade; tudo mesmo, como nos ensina a estatica, no apparente repouso do equilibrio expande-se no movimento!

Não obstante uma das principaes molas da machina colossal pretende resistir á força que a impelle!

E' d'ahi que a historia nos mostra ao pensamento o espectaculo dilacerante e pungente de tantas destruições violentas de imperios, tantos acervos de ruinas amontoadas nos seculos; d'ahi essa agonia convulsiva de um povo, por onde começam e acabam quasi sempre os capitulos dos fastos da humanidade.

Entretanto o homem algumas vezes busca escapar a organisação do codigo eterno e em sua aspiração desalentada de estacionar hypocritamente diz:

Dieu saura bien sans nous acomplir sa pensée. Mas Lamartine, que de um modo absoluto parece ter razão fallando assim, não nos leva por esse principio, se o fizermos doctrinario, á consequencias perigosissimas, aos escolhos do fatalismo? Se a humanidade deve suffocar ainda nos pulmões o brado de *away* ardente que lhe sobe aos labios; se o paqar não é um crime, bem poderá ella pousar e dormir eternamente: mas esse somno

não é um suicidio? elle não nos patenteia todos os caracteres terriveis e assustadores de uma morte extemporanea? Não seremos nós mais que comparsas nas scenas da comedia humana? Lazzaronis, sereis vós deitados, rotos e esfomeiados nas praças de Napoles como cães o typo verdadeiro, o exemplar de um povo?

Não, bem cabe aqui um pouco de orgulho, não! Nem nós somos simples comparsas, nem os Lâzzaronis um povo, porque, como já disse alguem, nem mesmo elles são homens!

Temem-se os erros? Não é o erro um passo dado no caminho da verdade?

Homens ha, que têm levado a vida inteira, como um pesadello, a edificar systemas sobre systemas, a perseguir, semelhantes á mosca importuna, os phantasmas de seus cerebros, e muitas vezes não se tem chegado a convencer senão a si mesmos, ficando para os demais como enigmas indecifraveis da esphinge antiga. Não obstante esse trabalho que parece filho d'um occioso labutar, esse soffrimento que parece inutil, quantà abnegação e valor não possue!

Quantas descobertas não temos visto muitas vezes nascer d'um problema mal posto em equação, d'uma verdade apparentemente insoluvel?

Que o digam Abelard e Occam nas escolas da meia idade!

Halley, errando na explicação dos phenomenos das *auroras boreaes*, não se approxima tanto da verdade, não deixa perceber então já o *resultado das forças magneticas* tempo depois proclamado pelos suecos Hiortes e Celsius? Não foi um obstaculo dos temporaes nas costas d'Africa que desviou Cabral de sua rota para India e fêl-o aportar á estas plagas ignotas, dando-nos assim uma patria opulenta e ao mundo um refulgente diamante a sua corôa?

O caminho a trilhar não é de rosas, concordemos: mas as urzes pedem o arado que as debaste; a rotina, essa rotina que, como a qualifica Laurent Pichat, semelhante a uma *menagère econome*, cortando os desperdicios, vai apagando no lar as luzes que ella crê inuteis, deve ser despedida e reformada por zelosa e

avarenta. E se isto não fizermos, se cruzarmos os braços, com a calma fanatica dos musulmanos os obstaculos subirão de ponto, e então o que será da perfectibilidade humana?

O *mundo marcha*, sim, cabalmente disse-o já Eugéne Pelletan, não ha que contestar; mas é preciso não esquecer, á frente da caravana a poesia se ostenta resplendente, é preciso não deslembrar, é preciso acreditar com força, com fé, que nessa empreza a iniciativa é dos poetas. Já uma vez o dissemos, repetimos hoje e não cançaremos nunca de o repetir: elles serão os primeiros combatentes nos prelios da intelligencia, elles serão tambem os arautos que, na palissada do porvir contemplando o torneio das idéas, bradem bem alto o nome do feliz heróe e o coroem com os hymnos retumbantes da victoria. Esses serão os verdadeiros sacerdotes, os depositarios das aspirações da arte; essa será a verdadeira poesia, a humanitaria, a poesia do futuro, cosmopolita e universal. Os poetas, então, como os vates biblicos, em dias de tristesa e calamidade, virão preparar melhores dias, de felicidade, dias de bonança. Lancem-lhe embora ás faces com uma sarcastica indifferença os septicos, os cynicos, todos esses homens gastos d'alma e do corpo, elle passará avante; e por entre as brumas da lenda, ao som das harmonias do *carmen*, a verdade religiosa, a verdade philosophica a verdade moral, a verdade politica se devisará remoçada, se fará ouvir mais attrahente!

E' ainda Lamartine que nos hade prophetisar o futuro da arte, que nos porá a pár dos altos destinos da poesia. "A poesia será a razão cantada, diz o historiador poeta;" ella será philosophica, religiosa, politica e social como as epochas que o genero humano vai atravessar... E' ella que paira sobre a sociedade, que a julga e que mostrando ao homem a vulgaridade de sua obra o chama, o leva sem cessar para diante e lhe apontando com o dedo as utopias, as republicas imaginarias, as cidades de Deus, accende-lhes nos corações a coragem de attingir."

Ha muita gente que, se diz amiga dos poetas, pretende que elles devem limitar-se a cantar o amor e

as graças ligeiras, as delicias e os prazeres; que sua missão é suavisar os cuidados e apprehensões da *bolsa*, espalhar flores, consolar os satyros nos bosques e aquecer as Nymphas enrigeladas. Esses só os entendem, só os amam depois do jantar, deitados voluptuosamente em macias poltronas; os versos fazem-lhe as vezes de uma segunda sobremesa mais fina e delicada, que se saboreia melhor aos goles do café e aos espiraes perfumosos da fumaça d'um *bahiano*.

Mas esses não são amigos, esses são os verdadeiros inimigos dos poetas! Quem falla assim é o estrebilho monotono da mediocridade que não lê, que não comprehende a arte, ou a comprehende a seu modo.

Eu sempre tive para mim que esses caprichos aviltavam e profanavam sua augusta missão. A musa parece-se tanto então com aquella rainha Thusnelda, viuva de Armin, no *Gladiador de Ravenna*, e o poeta com o principe seu filho Thumelicus, que prisioneiro em Roma, deixa-se fascinar pelo sorriso dos Cesares e esquecendo sua dignidade, esforça-se por merecer bem as palmas imperiaes no papel que lhe dão de gladiador nos circos.

A arte, é preciso convir, sujeitando-se a correr por esse trilho, perde toda a honra; não é mais que um *officio* e a phantasia uma baccante.

Exilando a musa dos conflictos serios, dos interesses legitimos e sociaes a mediocridade vinga-se em reservar para si as cousas praticas; a mediocridade faz aqui como Platão diz Pichat, ella exila os poetas coroando-os de flores. "

Que importa hoje um mais ou menos brilhantismo de *forma*, uma mais ou menos elegancia *plastica*? A questão não é a do talento, dos contornos, do colorido; neste ponto, distinguindo o trigo do Joio, ha excellentes artistas que muito merecem. A questão é de idéa, de sentimento, de paixão; *non satis est pulchra esse poemata*, diz o Venusino; é necessario a esperança, a coragem.

Canta-se o amor sobre modelos, nem se recorre mesmo ao facil e galante preceito de Garret; chora-se sem que os olhos respondam com lagrimas a dôr do coração;

invectiva-se sem que um relampago de colera fusile nos labios; delira-se emfim, sem que ao menos o calor da febre exalte e alimente o enthusiasmo!

Não confundamos os poetas com os rimadores, Talma com Arlequim. Este ultimo, quando não se dá a conhecer pela cara, distingue-se perfeitamente pelos guisos do traje e do barrete.

Os pseudos *menensingers*, os eunuchos e tartufos da arte são que obram assim.

O poeta deve ter um idéal, virtude, amor ou liberdade, um desses archetypos sublimes da moral. Um elegante e profundo critico que por vezes temos já citado e ainda talvez o citemos, chamou a tudo isso o *dever*... Como a palavra pode parecer um pouco fria e secca eu o chamarei mais simples e euphonicamente o *ideal* do poeta.

Assim pois caminhemos e penetremos no futuro.

Deus não faz como Barbe-bleu que tira as chaves das portas e deixa a faculdade de abril-as. Deus dá-nos a liberdade e faz ribombar no espaço a voz de: marcha! Barbe-bleu tem a logica do receio; elle occulta lá dentro cadaveres de suas mulheres assassinadas, mas o Creador não estrangula, nem esconde depois as idéas mortas!

Admitte-se mais geralmente que o poeta é um creador de utopias, um sonhador, um visionario, um louco como Hamlet, que leva abalando o mundo com o tom de suas prophecias e não adianta cousa algnma! Maldiz o despotismo, e a escravidão ainda rasteja algemada; apostropha o crime com um *dies ir* e este ainda passeia por quasi toda parte de braço com a impunidade!

Veja-se desde Isaias até Nahum, desde Homero a Hugo!

Os povos contiuuam na mesma idolatria; os bezerros de ouro, os idolos, os leviathans são ainda os preferidos e adorados!

Porém hoje felizmente a situação moral parece ter adiantado um pouco; a humanidade apresenta symptomas mais tranquilisadores. Hoje ouve-se perfeitamente, mas não se quer escutar ou tem-se preguiça de comprehender.

Não obstante, não é já isso um progresso?

Prosiga-se nos sonhos e na esperança; una-se o espirito com o espirito do tempo; arteria com arteria; póro com póro confunda-se mesmo!

E' triste de dizer-se, mas é verdade que os individuos da nossa geração que se levanta parecem desconfiados e anemicos; como os enfermos de nascencia; e ainda assentados nos bancos das escolas despresam as iniciaturas, saúdam as alvoradas, acham que as noites vão-se muito depressa, preferem um viver mais facil e positivo ás aventuras de outro que lhes não está ao alcance da mão; não recebem com as caricias do agasalho os romeiros do porvir; e se lhes pairam ainda nos labios canticos de enthusiasmo é de mistura com outros que travam e tressoam o fel do desalento.

Julgamos-nos no melhor dos mundos possiveis!

Nem tanto optismo, nem tanto pessimismo!

Conta-se que Roger-Collarddisia: "Nada de sceptos na rua!! Nós ajuntaremos: Nada de egoistas e lamuririantes!

A' mocidade não é permettido o assentar-se adormecida nos degraos do templo; é preciso que ella destrua e edifique mélhor, e não se torne solidaria d'um declinar que a não recommenda. Os velhos podem dizer que o amor envelheceu, porque elle ficou lá atraz e deixou-os passar; podem dizer que a belleza já não tem encantos, porque ella hoje só lhes desperta impotentes recordações; os velhos, esses sim podem dizer que as illusões são chimeras; porque as almas já lhes não vinham como o sonoro chrystal, porque elles mesmos são gelados e mortos.

A poesia é um patrimonio de todos, riquissimo apreciavel, confiado aos cuidados de alguns, sim, mas para o augmentarem e zelarem.

Como a boceta de Pandora aberta e profanada resta-lhe no fundo a esperança.

Deixemos d'uma vez as excentricidades *baudelairianas*, não consintamos que nos esmague um *realismo* quasi mostruoso. O poeta, digamos como Pontmartin, é a humanidade que canta, é a imaginação de todos expressa e notada por um só.

O personalismo não tem rasão de ser, pecca por egoista. A natureza não é uma solidão, como a querem fazer, não é um simples asylo de recordações, de existencia e virtudes occultas; a natureza é como a comprehende Victor Hugo, é um theatro immenso, onde a divindade e a humanidade apparecem illuminados pelos reverbéros de mil sóes.

Longe de mim o entender por isto que a poesia familiar e campesina, essa certa maneira de considerar o campo, d'um modo humano, sem a frieza didactica, terno e affectuoso, seja posta de lado, seja debandada não, antes é esse um dos bons aspectos da arte, a sua face ingenua, sobre que, no entanto, pouco se tem feito. A' França, confessa-se, falta-lhe ainda uma certa ingenuidade e candura de que dão-nos bons exemplos em Hespanha Antonio Truoba e José Goizocta. Em Portugal tentava-o Paganini, Palmeirim, e mais que todos Julio Diniz. Entre nós está a estudal-o o Juvenal Galleno e creio que ninguem se mais lembra disso.

Os nossos escriptores e poetas parecem contentar-se com uma gloria ephemera; compõe-se nas horas de lazer, não se estuda, não se estimula. Não ha quasi excepção a fazer!

A puestão maxima, porém, é a de *familiarisar*, a de *democratisar* os generos.

A proposito da ultima palavra. E' a democracia que aspira viver e dar um bom exito a todas as grandes cousas, mas materialisada como vai poderá ella legitimar suas conquistas, tomar lugar entre os poderes que lhe competem e resumil-os em si?

Na arte como na politica deve-se ter em vista os perigos, o exagêro.

O espiritualismo hade apparecer, hade mostrar-se para as desviar do abysmo, para salvar uma e outra.

Inda bem que começam as transformações, as grandes methamorphoses.

Ponha-se em marcha o poeta com calma e dignidade, e aos que lhe exigirem o *passe* do poder responda como Heine á espionagem prussiana! " O meu contrabando vai na cabeça "!

J. E. Teixeira de Souza.

Rio, Abril de 1813.

Phantasia

Tive um sonho em que tudo não foi sonho.
Lord Byron

Era por uma dessas tardes serenas de Maio, em que o sol cançado da longa e afadigosa jornada do dia, se deita somnolento, envolto no soberbo manto de purpura, sobre os molles coxins do alcatifado leito do poente, dourando com seus raios as elevadas cumiadas das altas penedias, e nos manda no olhar triste um adeus compassivo, que traz-nos recordações pungentes de um viver de esperanças e illusões.

Ha tanto amor, tal vida no meigo e lento descambar do sol, tanta poesia e encanto no cahir silencioso do crepusculo, embalsamando a calida atmosphera de um cheiro agreste e provocante ao doce e melifluo ciciar das auras medrosas sussurrando de manso pelas verdes ramagens dos arbustos, que sente-se o poeta arrebatado em um vôo vertiginoso para as regiões ethereas da poesia e a mente se perde em longas scismas de amor, affagando imagens donosas de um sonho illusorio.

E como não ha de encontrar um doce attractivo nesse magestoso espectaculo da natureza ás tristes horas da tarde, como não ha de sentir violentamente vibrar a corda do sentimentalismo e permanecer tempos esquecidos enlevado em magico extase, quem, ainda no desabrochar da existencia, no despontar brilhante da candida primavera da mocidade, já viu uma a uma cahirem as petalas da flôr gentil das illusões, rolando pelo negro pó do solo á fria rajada do vendaval do infortunio, e no horisonte limitado da vida nem uma pallida estrella descortina atravéz do pesado e denso nevoeiro que o envolve, só percebendo a tristonha esperança accenar-lhe sentada a borda do sepulchro sob cuja lousa um dia, quem sabe, talvez proximo, dormirá o somno da eternidade?

Demais, o rescender de fragantes flôres espargidas a esmo sobre a macia relva da campina; o esvoaçar ligeiro pelas moitas de rozeiras do lucido bando das louras borboletas de cujas azas sedosas se iriam as côres

cambiantes do rocicler; o plangente suspirar da fonte deslisando suavemente pelas conchinhas douradas da arêa; e mais tarde, o formoso desabrochar da linda-flôr do baile—recebendo em sua delicada urna as lagrimas de sereno, trescalando perfumes que propalam anceios ardentes mais do que o hatchiz oriental do Arabe; as ondulações caprichosas dos pyrilampos fulgurando á espaços nas sombras da noite, com suas lanternas azues, semelhando estrellas cahidas do firmamento; os languidos beijos da lua, prateando os leques de esmeralda das gentis palmeiras; tudo isso não encanta, fascina e por momentos não nos faz acreditar que somos transportados para o celeste paraiso de Mafoma, ou victimas de um desses sonhos das *mil e uma noites?*

Já o sol se occultára por detraz das altas serranias do occidente, deixando o triste e melancolico silencio da noite, e a lua pallida como uma Italiana, languida e voluptuosa como a indolente Grega, surgira radiante de belleza, banhando de luz as accidentadas collinas do levante que franjam o horisonte, quando uma voz de mulher, suave e harmoniosa, veio despertar um louro mancebo, que sentado em um banco de relva, parecia mergulhado em um sonho em que sua alma mirava-se venturosa na lisa superfice do espelho do ideal.

Era Paulo, o pallido amante da Julieta. Ergueu-se immediatamente e seus passos precipitados encaminharam-se para o lugar de onde partira aquelle gemido melodioso, e seus olhos ardentes de curiosidade, como que dominados por uma força irresistivel, rapidos voltaram-se parecendo quererem devorar os espaço que o separava dessa mulher ou archanjo a quem pertencia uma voz tão divina que recordava os cantos elegiacos da Antonina de Hoffman o phantastico.

Era uma elegante casinha retirada um pouco para o interior do gracioso jardim, verdadeira miniatura dos fluctuantes parques de Semiramis na Babilonia.

Por entre as frestas das venezianas á meio abertas, resguardadas de alvas e finissimas cortinas de cassa branca em lindos apanhados de fitas, coava-se a luz scintillante de um candelabro, deixando ver-se á um lado da sala uma mulher pallida como uma madona de

marmore, sentada ao piano cujo teclado queixoso á pressão dos mimosos dedos de alabastro, soluçava confundindo seus gemidos com as notas suaves do *tremolo* de uma sentida *barcarola*.

A's vezes sua voz tornava-se tão debil e cançada que parecia extinguir-se ao menor sopro da aragem e depois, erguendo repentinamente a fronte de jaspe pendida sobre o teclado, acordava desse lethargo momentaneo, e comprimindo com uma das mãos os seios para retel-os, um garganteio convulso e horrivel, um gargalhar frio e sarcastico de louca, succedia bruscamente áquelles threnos maviosos de poucos instantes.

Cansada e abatida da lucta que em si travará-se, ergueu-se afinal e reclinando-se no balcão da janella, contemplou por muito tempo o sereno luar com os olhos humidos de pranto e um suspiro anhelante, um ai terno e mavioso como o canto singelo do sabiá, como a nota perdida do violão, entreabrio-lhe as petalas da flôr descorada de seus labios.

A lua, ao tremulo brilho de seus olhos negros, á belleza peregrina de seu rosto de menina, em cujas faces madidas scintillavam duas perolas sublimes, ao esvoaçar das negras madeixas revoltas sobre os hombros de opala, occultou-se de pejo na escomilha subtil de uma nuvemsinha branca, que abandonada no immenso mar azul do firmamento balouçava-se airosamente similhando um berço de amores, ou o véo de gaze de alguma noiva dilecta de Deus.

Assim permaneceu ella por longo tempo extactica e absorta em languidos pensares, quando estremecendo ao longiquo som da primeira badalada lugubre no campanario proximo, fechou as gelozias, apagou as luzes e momentos depois o brando roçagar de um vestido branco pelos ramos das roseiras, a essencia provocante que denuncia a presença da mulher bella, o palpitar surdo de um seio nevado, o ranger subito da arêa sob a pressão de uns pés de fada, indicaram que a desconhecida descera ao jardim e encaminhava-se para um sombrio caramanchão onde as lianas e trepadeiras pendiam das ogivas formando laços e festões de uma graça admiravel.

A bella e seductora fada desse retiro para ahi se dirigiu, e instantes depois o susurro de duas vozes murmuradas baixinho, as recusas e negativas de um e os rogos ferventes e instantes de outro, um grito de susto abafado á medo, e depois o estalido agudo de um beijo de amor seguido de um—ai terno e sem fim foram o desenlace das scenas singulares dessa noite de phantasia.

Depois um cavalleiro pallido e arquejante trazia nos braços tremulos uma mulher desmaiada....

Era Paulo o poeta, o louro amante.

Era ella, a angelica odalisca, a loura nympha daquella gruta de amores, a formosa Julieta.

. . . . . .

A lua surgiu de novo resvallando em languidos desmaios no placido céo de saphyra, e derramando a frouxa luz de sua alabastrina lampada sobre a verde folhagem dos arvoredos banhados do puro orvalho da noite.

Fôra uma entrevista...

Março de 1873,

J. da Cunha.

POESIA

Fantasia

Tout chatoie et reluit; le peintre et le poête
Trouvent là des couleurs pour charger leur palette,
Et des tableaux ardents à vous bruler les yeux.
Theophile Gautier.

Vem, virgem da saudade, nos teus braços
me arrebata aos jardins do Capuleto,
de Romeo e Julieta ainda os traços
eu quero ver, sentir seu doce affecto;
a noite, ouvindo as voses das sanfonas
eu quero orar ao nicho das madonas.

Vôa commigo ás praias de Sorrento,
onde as vagas asues, a brisa, as flôres,
da triste Graziela, co'um lamento
pranteiam as saudades e os amores,
leva-me ao caes de Chiaia em noite bella
á ver o requebrar da tarentela.

Napoles e Veneza! dualidade,
esplendida de encantos e prazeres!
ainda te eu não vi em realidade,
mas vejo-te na voz de tuas mulheres,
na pallidez suave do semblante,
n'aquella morbideza fascinante!

Imagino-me as vezes passeiando,
da gondola macia aos balanceios,
nas aguas do Rialto contemplando
do *Palazo ducale* os mil floreios,
e enleva-se-me tanto a fantasia.
nesse éden de amor e poesia.

Que nem mesmo siquer dou pela vista
do vulto impertigado que perpassa,
d'um gentleman inglez, lord *tourista*,
que de *Guia* na mão tudo devassa;
mede arcadas, copia um arabesco,
e pasma analysando um quadro a *fresco*!

E eu vejo-te, Italia! e nos meus sonhos
me arremeço a teu céo cheio de crença;
transponho os montes e os jardins risonhos
da soberba e artistica Florença:
o Arno entoa uma canção dantesca
espelhando a imagem de Francesca

O Tibre a murmurar tambem assoma,
não sei que melopéa mixta e triste
do flámine pagão da imperial Roma
co'o psalmo christão do summo antiste!
E a lua sobre o tumulo d'Adriano
namora o Colysco e o Vaticano!

Os Cesares eu vejo e os cardeaes!
vêm guiando-os os crimes e a ruina!!
Purpura e sceptro! symbolos fataes!
Mas que?! minha sextilha desafina!
Os Borgias, os punhaes e o veneno
dão *escuros* demais á um quadro ameno.

Deixa, pois, minha amiga, os pesadellos
e me enleva de novo em teus adejos;
solta-me sobre as faces teus cabellos;
me embriaga ao perfume de teus beijos:
corramos á Milão, ao theatro—Scala—
ouvir o Guarany como ahi falla.

Até Byron o poeta da descrença
te queria por patria, Italia bella,
e tambem te adorou banhado em crença,
inspirou-se ao fulgor de tua estrella!
Tu foste a Guiccioli em cujos seios
elle pousava a fronte em devaneios.

Raphael, Ariosto, Tasso e Dante,
são teus grupos de estrellas luminosas;
Corregio, Donizetti, Mercadante,
e outras constellações esplendorosas,
que o artista, qual novo Palinuro,
vai seguindo nas rotas do futuro.

E serás sempre o mesmo typo plastico,
terra da poesia e dos amores,
riam embora com seu rir sarcastico
retrogados e velhos pensadores,
se ouvirá sempre o verbo de Mazzini
ao som das cavatinas de Rossini!

Italia! Italia! agora que nos braços
te embalas da unidade e do progresso,
eu quizera acordar-te nos espaços
co'um brado enthusiasta, mas confesso,
que além de fraco ser, era debalde,
pois não dorme em Caprera Garibaldi!

Ah! tu que foste outr'ora em priscas eras
do mar Mediterraneo a bella ondina,
que de verdes festões de primaveras
coroavas a fronte alabastrina,
serás hoje a Nióbe lacrimosa
no tumulo d'uma raça desditosa?!

Não, mente a allegoria, eu não a quero!
Tens soffrido, é verdade, mas agora,
eu creio, bella Ausonia, creio e espero
ver-te mais formosa ainda que outr'ora!
E emquanto o porvir marcha triumphante
eu vou lêr outra vez Pelico e Dante.

J. E. Teixeira de Souza.

Devaneio

Lá nas portas do Oriente
D'aurora as purpureas côres,
Recamando o Céo de flôres,
Rompiam da noite o véo:
Trinavam contente as aves
Entre as folhas das mangueiras,
E dos leques das palmeiras
Cahia orvalho do Céo.

Do meu leito despertando
Com este quadro risonho,
Quiz esquecer-me do sonho
Que me havia entristecido;
E divagando nas selvas,
Ouvia mais estremados,
Dos canarios—os trinados,
Das juritys—o gemido.

Sosinho e'os meus pezares,
A scismar na soledade,
Procurava amenidade
A' magoa que me ralava;
Quando lá entre o sombrio
De trepadeira viçosa,
Divisei galante rosa
Que um branco lyrio afagava.

Um á outro entrelaçado,
Seus aromas confundindo,
Pareciam estar fruindo
De amor os sonhos dourados;
Este, no nitido esmalte,
Aquella na rubra côr,
Da candura e do pudor,
Como emblemas retratados.

Que fazes, oh! linda flôr?
Disse á rosa suspirando,
" Aqui no ermo habitando
" Tão distante de outras flôres!?
" E tu, oh! lyrio faceiro,
" Porque buscaste o sombrio
" D'este recanto tão frio,
" Tão despido de verdôres?!

" Emquanto que lá vicejão
" N'aquella alfombra mil flôres,
" Gozando gratos favores
" Do ribeirinho que passa,
" Entre as caricias da brisa,
" Desabrochando em montão,
" Vós, aqui na solidão
" Tão erma, sombria, escassa!!

" Não, não deixo, vem commigo,
" Rainha das bellas flôres;
" Tu tens direito aos primores
" Que a natureza outorgou-te:
" E tu tambem, alvo lyrio,
" Terás lugar bem distincto
" Alli, n'aquelle recinto,
" No gremio que originou-te.

E então desarraigando
A minha gentil roseira,
Fui plantal-a quasi á beira
Do saudoso ribeirinho:
E mais alem collocando
O lyrio esbelto e mimoso,
Amparei-o cuidadoso
De algum evento damninho.

Depois, mais tarde voltando
Ao sitio em que os deixei,
Tristonho quadro encontrei
Que enluctou-me o coração!
— O lyrio pendido, murcho
Sobre a haste resequida,
Sem mais vigôr, sem mais vida
Tinha extincta a animação!!.

A rosa curvada a fronte
Sobre o ribeiro pendia,
E languida se desfazia
Folha por folha soltando;
E a brisa que alli passava
Por seus ramos já mirrados,
Só d'espinhos encravados,
Ia triste suspirando!....

Vês, Armia, o triste effeito
Da cruel separação!...
Contempla com emoção
Esse quadro de agonia!

O que soffrer não deviam
Estes dous seres queridos
Que nasceram reunidos
Na mais perfeita harmonia!?

N'um recanto abandonadas,
A' sombra das trepadeiras,
Vicejavam prasenteiras
As duas plantas mimosas!
Impia mão as desunio,
E distante as transplantou!..
A mesma dor as ceifou
Entre angustias.... desditosas!...

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Assim, me verás Armia,
Se a dura mão do destino,
Com o seu golpe o mais ferino
Vier de mim separar-te!
Pois se prezo esta existencia,
Se no munde alento a crença
De uma gloria pura, immensa,
E' de viver para amar-te!...

A. R. W. Pacca.

Choraste?

Choraste? e a fronte serena
Pendeste gentil morena
Como o lyrio no vallado?
Perpassou-te pelo rosto
A nuvem de algum desgosto
No lindo sonho dourado?

Choraste?—e um vago gemido,
Um lamento dolorido,
Roçou-te o labio mimoso?
De pudor tremeu-te o seio
E no mago e ardente anceio
Choraste, lyrio formoso?—

Choraste?—e nos olhos humidos,
Nos cilios amortecidos
Brilhou-te o pronto infantil,
Como a lagrima da auróra
Qual perla de madragora
Nas lindas petlas do til?

Choraste!—e louca disseste
Que no devancio celeste,
Do delirio na virtigem
Ousei beber-te os odores
E murchar as meigas flores
Da tua palma de virgem!

Que sedendo, ebrio e mais agil
Do que a serpe astuta e vil
No collo te fui bolir.
Mas, não! — na trova singela,
No threno frio, donzella,
Só quiz embalar teu dormir,

Choraste! — e só porque eu disse
Que quem formosa te visse
Morria logo de amor,
Que eras de tez morena
E que d'angelica verbena
Tinhas no seio o candor.

— Que culpa tenho faceira
De seres tão feiticeira
Que num olhar me abrasaste;
Se no sorriso furtivo
Na voz, no canto festivo
Tu de amores me mataste?

Será crime por ventura
Adorar a formusura
Que Deus á terra enviou?
Beijar a planta divina
Da belleza peregrina
Que minh'alma arrebatou?

Oh! não,—tu és moreninha
A meiga e terna andorinha
que soluça no rosal;
Tu és a garça formosa
Que se remira vaidosa
Na iympha pura do val.

Quando dos olhos trementes,
Nas faces rubras, ardentes
Corre a lagrima serena,
Então á rosa banhada
Do orvalhar da madrugada
Tu te assemelhas, morena.

Chora, que o pranto d'alma
As dores fundas acalma
Da existencia irrequieta;
Chora que o pranto de virgem
E' sol que luz na calligem
Dos sonhos do teu poeta.

J. da Cunha.

Abril—1873.

Aos monarchistas

Qual formosa e casta virgem
lá dos espaços azues;
e qual meteóro ingente,
que clarões derrama a flux;
assim surge a Liberdade,
sublimada divindade,
irmã da fraternidade,
nos santos braços da Cruz.

E qual tufão fugitivo,
ao longe, fraco a bramir;
e qual colosso d'argila
em pedaços a cahir;

assim tomba a tyrannia
do remorso n'agonia,
inerte, pesada e fria,
ante as glorias do porvir...

Lêde, vós outros tão cégos,
as paginas, que já lá vão:
quanto sangue derramado;
que nefanda corrupção!
Aqui,—o plebeu gemendo,
a fome, o frio soffrendo;
ali,—o nobre bebendo
das orgias no salão!

Acolá,—o rei altivo
Julgando-se Jehovah,
a fluctuar sobre os homens
no valle de Josaphat,
abre do Estado o thesouro,
recompensa o vicio a ouro;
porém castigos, desdouro,
só aos bons costumes dá!

Mais além,—os jesuitas
fratricidas e sandeus,
lançam nas pyras, malditos,
os filhos dos Prometheus!..
Por toda a parte—clamores,
em todo o peito—só dores,
e tantos, tantos horrores
em nome d'um terno Deus!

Ah! que passado tristonho
a realeza nos traz;
mais sombrio do que a morte,
mais infernal, mais falaz...
E ainda existe no mundo
quem dedique amor profundo
a esse monstro oriundo
da mente de Satanaz!..

Mas eu vejo no Calvario
Um grande fóco de luz;
eu vejo brotarem flôres
sobre a lama dos paúes;
eu vejo o povo contente
seguir a senda explendente
que ao seio do Omnipotente
a liberdade conduz.

Liberdade!—Oh! liberdade!
filha querida do céo!
como te adoro pousada
nas grimpas d'este escarcéo!
Como és bella, oh! potestade,
resguardando a humanidade,
ao longo da eternidade,
com teu alvo e dino véo!

1873.

Antonio Rosa da Costa.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes. — Em virtude dos obstaculos que os redactores deste periodico, têm achado na sua publicação, esta será mensal, por emquanto.

Offerta. — Agradecemos ao Sr. E. Dupont a offerta dos pamphletos *Flechas* e a *Rua do Ouvidor*, nos quaes o autor sob o pseudonymo *Bento Gonçalves*, atira mortiferas settas sobre a situação.

Club Joven America. — Acaba de fundar-se uma sociedade scientifica, politica e litteraria com o titulo acima, a qual tem já celebrado duas sessões. A idéa patriotica que originou a fundação deste club, foi devida ao nosso distincto correligionario o Sr. Telles de Menezes.

Este periodico assigna-se á rua de Gonçalves Dias n. 55, na livraria Encyclopedica.

Assignatura mensal . . . . . 1$000

Toda correspondencia deve para ahi ser dirigida.

Typ. *Commercial*, rua do Hospicio n. 205